

## Opinião do GLOBO

Apoio a refugiados  
do clima é falho  
no mundo todo

Em 2023, 26,4 milhões foram forçados a se deslocar em razão de enchurradas, furacões, secas ou terremotos

A tragédia que se abateu sobre o Rio Grande do Sul não é fato isolado do planeta. Em 2006, de 26,4 milhões de pessoas, pouco mais que o dobro da população da cidade de São Paulo, foram obrigadas no ano passado a abandonar suas moradias em busca de abrigo em razão de enchurradas, furacões, secas extremas e terremotos. Mais que os 20,5 milhões expulsos por conflitos armados e pela violência, segundo estimativa do Centro de Monitoramento de Deslocamentos Internacionais (IDMC), a entidade que mede o impacto populacional de conflitos armados, violência e desastres naturais. A natureza tem sido mais severa que o crime e os choques geopolíticos ou étnicos.

Os eventos climáticos extremos têm se sucedido com maior frequência e mais intensidade. É pedagógico que a última enchente de proporções comparáveis no Rio Grande do Sul tenha ocorrido em setembro do ano passado e a anterior apenas em 1941. Pela ta-

manho, o Brasil lidera a estatística dos forçados a abandonar suas casas por desastres naturais na América Latina — 745 mil pessoas, um terço do total no continente. Outra causa de centenas de milhares de brasileiros terem sido forçados a se deslocar foi a seca na Amazônia, que, ao esvaziar lagos e rios, reduziu a segurança alimentar da população.

No mundo todo, as flutuações drásticas do clima têm forçado o deslocamento de populações cada vez maiores. Nas Filipinas, 2,54 milhões buscaram refúgio distante de suas moradias depois de intempéries inclementes, decorrentes da transição entre os fenômenos La Niña e El Niño. Com as chuvas vêm doenças. No Paquistão, agosto do ano passado foi um mês de grandes enchentes que forçaram 732 mil a buscar abrigo noutras regiões. Não bastassem as águas, houve surtos de moléstias como a malária.

Mesmo em países ricos as inundações de proporções bíblicas ou secas tórridas se revezam como efeitos das mudanças climáticas

na vida das populações. No Canadá, incêndios florestais expulsaram 192 mil de seus lares. Nos Estados Unidos, enquanto o fogo também causava destruição, ocorriam chuvas extremas na Califórnia e uma onda de furacões na Flórida. Apesar disso, os 200 mil deslocados foram em menor número que noutros anos.

Todo país necessita de planos

de proteção à população em razão do agravamento das oscilações do clima. Uma questão vital é como encontrar recursos para financiar o socorro às vítimas. No Brasil, como o Orçamento da União é engessado, a alternativa termina sendo o endividamento público, já em níveis preocupantes. Na COP28, em Dubai, no final do ano passado, foi divulgada uma lista de promessas de doações ao Fundo de Perdas e Danos destinado a socorrer vítimas das catástrofes climáticas. Somavam US\$671 milhões. E pouco diante da sucessão de eventos extremos. A agenda de discussões sobre o aquecimento global continua atrasada em relação à natureza.

Nos dias das grandes manifestações, com um gaúcho especial nos amigos, vivemos o mesmo apartamento da Copacabana. Não tinha mais que Tarso de Castro para tomar conta do golpe de 1964, e Tarso se tornou o Panfleto, um jornal de não mesmo-predição, algo as recém-chegadas garotas de literatura, outra cara da literatura do Sul, pediram Guimarães, publicado e apresentava no Beco do Rio pois se tornou famoso. Perseu sofria de uma mente esta prova de pensamento difícil, mas, zez, fiz brincadeiras que fiz escrever que no palco não, e, ele disse "não, Cleopatra, vezes usa sua bela voz para cantar o magro e o belo". Ao voltar do exílio, into Grande era uma espécie. Em 1971, foi criada a Associação Ambiente Natural. Tinha muito forte: José Lourenço, um governo que heparado do Pús-Ceará, a Rio-92, e

## A esperança vem do Sul

**N**os dias das grandes enchentes no Sul, morreu no Rio um gaúcho especial, o ator Paulo César Fereiro. Fomos amigos, vivemos juntos alguns meses num pequeno apartamento da Figueiredo de Magalhães, em Copacabana. Não tínhamos onde morar e aproveitamos que Tarso de Castro, outro gaúcho, precisava sumir para tomar conta do lugar. Era o momento do pós-golpe de 1964, e Tarso se sentia visado por ter dirigido o Panfleto, um jornal de Brizola.

No mesmo prédio, alguns andares acima, viviam duas recém-chegadas garotas gaúchas. Uma gostava de literatura, outra era cantora. Eu me interessava pela literatura do Sul, pois tinha lido um conto de Josué Guimarães, publicado na revista Senhor. A cantora se apresentava no Beco das Garrafas e alguns anos depois se tornou famosa: Elis Regina.

Pereio sofria de uma doença hepática, mas certamente estava preocupado com o Sul. Tinha um temperamento difícil, mas aprendi a lidar com ele. Às vezes, fiz brincadeiras que ele não aprovava. Uma delas foi escrever que no palco, em vez de dizer "não, Antígona", ele disse "não, Cleópatra". Era um excelente ator e às vezes usava sua bela voz em propaganda, para complementar meu argumento.

do voltar do exílio, interessei-me pelo Sul, pois o Rio Grande era uma espécie de berço do movimento verde. Em 1971, foi criada a Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural. Tinha à frente uma figura de temperamento forte: José Lutzenberger. Foi secretário de Collor, um governo que hospedou a maior conferência ambiental do Pós-Guerra, a Rio-92, e demarcou as terras ianomâmis, gesto que hoje incendiaria o Congresso Nacional.

**A sociedade gaúcha tem grande potencial e pode**

**exigir uma reconstrução que supere os erros do passado**

São José dos Ausentes, vendo os cavalos no sol do inverno; cantos em talian nas parreiras de Seral na Corêa; as luzes do espetáculo natalino em Gramado. Dava para encher uma página com tantas memórias.

Mas a síntese delas é que, para mim, a sociedade gaúcha tem grande potencial e pode exigir uma reconstrução que supere os erros do passado, adapte o estado às mudanças climáticas e seja uma espécie de farol para o novo tempo no Brasil.

A política profissional ainda é um foco de resistência. A prefeitura não investiu na prevenção em Porto Alegre. Apenas uma deputada gaúcha, entre 31, destinou verbas para conter desastres naturais, e o primeiro governo de Eduardo Leite mexeu em 480 pontos do Código Ambiental para flexibilizá-lo. A própria indicação do representante federal na reconstrução, Paulo Pimenta, ainda tem um viés político-eleitoral que não ajuda uma tarefa tão tecnicamente complicada como a que o Rio Grande tem pela frente.

No entanto o movimento positivo que existe na sociedade pode estabelecer um vínculo com a política e rejuvenescer a diante da grandeza da tarefa. É falsa a discussão que separa sociedade de governo — ambos são necessários.

Na tragédia, o Rio Grande já superou pequenas divisões cotidianas, gremistas e coloradas por exemplo. Todas as outras podem ser ultrapassadas também, porque não se joga ali apenas o futuro de uma fantástica região, mas o despertar de todo um país para a nova realidade climática, dada essencial para nossa sobrevivência.

Existe uma luz meridional que sempre encantou meus olhos de fotógrafo amador. Minha esperança é que ela brilhe e se transforme em realidade dentro de todos nós, que precisamos ver um pouco de futuro, além das nuvens cinzentas dos eventos extremos.

## Congelamento de óvulos representa avanço para a vida da brasileira

Prática que facilita planejamento da gravidez quase dobrou nos últimos três anos no país

**C**om o aprofundamento da inserção da mulher no mercado de trabalho, a brasileira vem tendo filhos cada vez mais tarde. Em 2020, 22% dos primeiros filhos nasciam de mães com idade entre 30 e 39 anos. Essa proporção subiu para 34,5% em 2022. As mulheres que se tornam mães pela primeira vez com mais de 40 anos representavam 2% do total. Dois anos depois, já eram 4%. Como a gravidez depois dos 35 está mais sujeita a complicações, o congelamento de óvulos se tornou uma alternativa desejada por mulheres que decidem ter filhos mais tarde.

Desde 2012, quando deixou de ser prática experimental, ele tem sido uma forma segura para as mulheres adiarem a gravidez enquanto se dedicam à vida profissional ou a outros projetos. De 2020 a 2023, os óvulos congelados quase dobraram no Brasil, de 2.193 para 4.340 ciclos (é esse o termo técnico empregado), se-

gundo dados da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) revelados pelo GLOBO.

É preciso haver maior difusão da prática, para que as mulheres não deixem para tratar do assunto muito tarde. É aconselhável que a coleta de óvulos seja feita com a mulher mais jovem, em razão da queda acelerada da reserva ovariana — quantidade de óvulos disponíveis nos ovários — com o passar do tempo. De acordo com pesquisa do Instituto Ipsos, as brasileiras costumam pensar em congelar óvulos

A queda no número de óvulos pode ocorrer sem qualquer sintoma, segundo a ginecologista Michelle Garcia, da Maternidade Escola Januário Cicco, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Ela aconselha que a avaliação da reserva ovariana seja feita a partir dos 25 anos.

Quanto mais tarde, piores os resultados. A chance de ter filho com óvulos coletados até os 30

anos de idade é de 65%, de acordo com estudo publicado na revista científica *Human Reproduction*. Chega a 90% se mais de 21 gametas forem congelados. À medida que o tempo passa, a eficácia cai. É de apenas 4% para mulheres com mais de 41 anos.

Outra vantagem de coletar óvulos mais cedo é reduzir os riscos de problemas relacionados à gestação tardia no feto, como alterações cromossômicas ou abortos espontâneos. O tempo também conta para a qualidade da gravidez. Mesmo que o feto gerado por óvulo congelado cedo esteja menos sujeito a riscos, a experiência para a mãe ainda dependerá da idade. Seja como for, o importante é as mulheres terem consciência de que é possível contar com esse avanço da medicina para se tornarem mães no momento da vida que julgarem mais adequado.

vida que julgarem mais adequada. Trata-se de mais uma evolução da sociedade propiciada pelos avanços científicos.

[illegible]